

## Geografia histórica do Rio de Janeiro: periódicos digitais e mapeamento das avenidas Rio Branco de 1906 e 1926

Leonardo Mattos da Costa<sup>1</sup>

*“[...] o espaço é a acumulação desigual de tempos”*

(SANTOS, 2004c, p. 9)

### Resumo

A presente pesquisa é justificada pela necessidade de compreender o processo de construção e manutenção (ou não) das formas e funções de uma avenida/rua, por meio da utilização de um periódico digital disponibilizado na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, o *Almanak Laemmert*, e, também, de documento da Comissão Construtora da Avenida Central (C.C.A.C.), disponível para consulta no Arquivo Nacional do Brasil. Objetiva-se produzir um mapeamento conjectural resultante da tabulação dos dados em três principais etapas (organizadora, setorizadora e comparativa), com o intuito de investigar os padrões locacionais de distribuição de atividades econômicas da Avenida Rio Branco (RJ) – localizada no central *business district* do Rio de Janeiro – e, portanto, das suas centralidades, para os anos 1906 e 1926. O “centro simbólico da economia carioca”, conforme dados do próprio periódico e de outras fontes documentais (fotografias), é tomado por certa acessibilidade e visibilidade espaciais que conferem à Avenida a denominação de “Central”, em 1906.

**Palavras-chave:** Centralidade urbana. Periódicos digitais. Centro do Rio de Janeiro.

### Abstract

The present research is justified due to the need to understand the process of building and maintaining (or not) the forms and functions of an avenue / street, through the use of a digital periodical available in the Digital Library of the National Library, *Almanak Laemmert* and also of the document of the Construction Commission of Central Avenue (CCAC), available for consultation in the National Archive of Brazil. Therefore, a conjectural mapping resulting from the tabulation of data in three main steps (organizer, sectorizing and comparative) to investigate the locational distribution patterns of economic activities of Rio Branco Avenue (RJ) - located in the central business district of Rio de Janeiro - and, therefore, its centralities, for the years 1906 and 1926. The "symbolic center of the Carioca economy", in this way and, through data from the own periodical and other documentary sources (photographs) is taken by a certain space accessibility and visibility that give the Avenue the denomination of "Central", in 1906.

**Keywords:** Urban centrality. Digital periodicals. Center of Rio de Janeiro.

---

<sup>1</sup> Professor de Geografia (UFRJ), integrante do Programa de Educação Tutorial (PET-Geografia-MEC/SESu). Atua nas linhas de pesquisa das Geografias Urbana, Histórica e Econômica. E-mail: flaleo08@gmail.com

## 1 Introdução

Este trabalho soma-se aos recentes e poucos estudos geográficos do passado que, segundo Abreu (2000), têm se multiplicado nos últimos anos, no Brasil, em virtude de certo medo da velocidade com que os acontecimentos da atualidade se desenrolam, volatilizando as memórias e instantes. Pode-se considerar, nesse sentido, o avanço das políticas de patrimônio cultural, orientadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), principalmente a partir dos anos 1970, no Rio de Janeiro, quando da criação dos chamados Corredores Culturais no Centro Histórico Carioca.

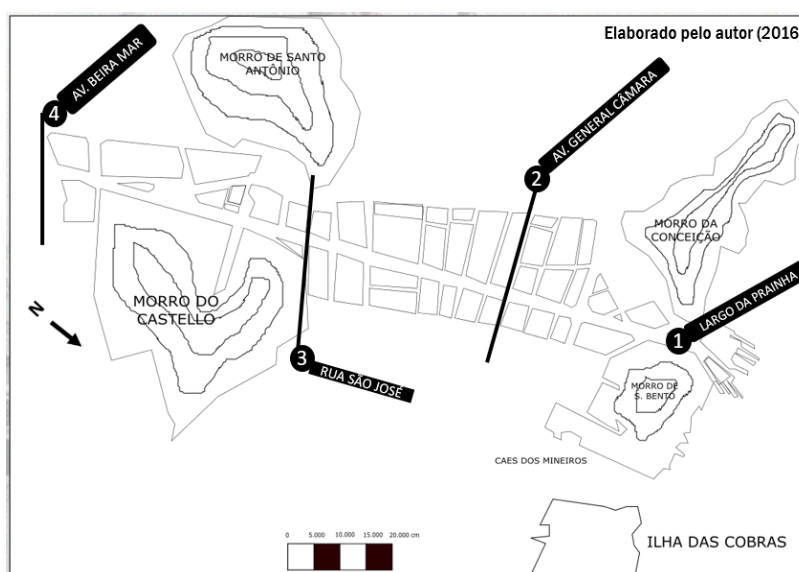
Nesse sentido, procura-se, a partir do passado, não a explicação de questões do presente, mas do próprio passado. Procura-se, aqui, desenvolver investigações de cunho arqueológico, isto é, de “escavações” (estudos aplicados e minuciosos) em arquivos e inventários comerciais, a respeito do “presente de então”, entre 1906 e 1926, quando da inauguração e do desenvolvimento socioespacial e econômico (centralidades urbanas) dos primeiros anos da Avenida Central. Esta foi criada para ser a passarela dos bons costumes e da alta sociedade da então capital dos Estados Unidos do Brasil, a São Sebastião do Rio de Janeiro, no âmbito do *Plano de Embelezamento e Saneamento da Cidade* (1902), resultado de novos estudos e propostas de intervenções sobre o antigo *Plano de Melhoramentos*, de 1875, cuja elaboração também teve a participação de Francisco Pereira Passos (1836-1913).

É importante atentar-se para a expressão “presente de então”, que, segundo Abreu (1996, 2000), trata-se de vestígios do passado que se organizam em estoques de memórias e lembranças *per se* e que se fazem associados à cidade e, portanto, a um determinado espaço e a uma determinada materialidade, incorporando certas estruturas de poder. Nesse sentido, confere-se o tratamento geográfico aos tempos históricos passados e aos seus fragmentos que navegaram pelo túnel do tempo até os dias atuais.

Considerando isso, esta pesquisa orienta-se no sentido de investigar os padrões espaciais do comércio e da administração pública e privada na Avenida Rio Branco (RJ) que se associam a processos históricos e, portanto, a conjunturas políticas, econômicas, sociais e culturais específicas, para 1906 e 1926. Depois de inaugurada a Avenida, como, de fato, ela se constituía? Quais eram os seus ritmos espaciais econômicos (centralidades) predominantes?

Para isso, é importante considerar um conjunto de documentos (os periódicos digitais, como o *Almanak Laemmert* e o documento da Comissão Construtora da Avenida Central – CCAC) que se fazem essenciais para a elaboração da pesquisa e que se encontram, física e virtualmente (no caso dos repositórios digitais), disponíveis para pesquisa e análise dos interessados.

Esses dados e informações, no caso deste trabalho, buscam representar a memória da cidade, que – fruto de escolhas e de grupos que a constituem – é composta por discursos, imagens, notas e relatórios, assumindo o caráter de prova histórica, testemunhada materialmente, que faz referência a uma base material precisa, a um determinado lugar. A memória da cidade, por sua vez, segundo Certeau (1996, p.23), “mediatiza transformações espaciais” e pode ser entendida, ainda, como um espaço de um não lugar, pois “a memória vem alhures, ela não está em si mesma e sim em outro lugar, e ela desloca”, o que indica a arte de determinados fazeres históricos.



Fonte: Elaborado pelo autor com dados da Comissão Construtora da Avenida Central (Arquivo Nacional, 1903-1908)

**Figura 1** – Zoneamento de atividades na Avenida (Arquivo Nacional, 1903-1908)

A Avenida Rio Branco (RJ), nesse sentido, fora planejada segundo zonas de centralidades: portuária/comercial atacadista, da Praça Mauá/Largo da Prainha à Avenida General Câmara (antiga Rua do Sacramento), aqui chamada de “zona 1”; comercial varejista, da Avenida General Câmara (antiga Rua do Sacramento) à Rua São José (Largo da Carioca, onde ficava a Galeria Cruzeiro e a Estação Carioca dos antigos bondes), a “zona 2”; e a cultural-administrativa, “zona 3”, da localização anterior ao obelisco que marca o fim da Avenida Rio Branco em confluência com a Avenida Beira-Mar, em direção à zona sul carioca, na área conhecida como Cinelândia (Arquivo Nacional 1903-1908), conforme ilustra a figura 1.

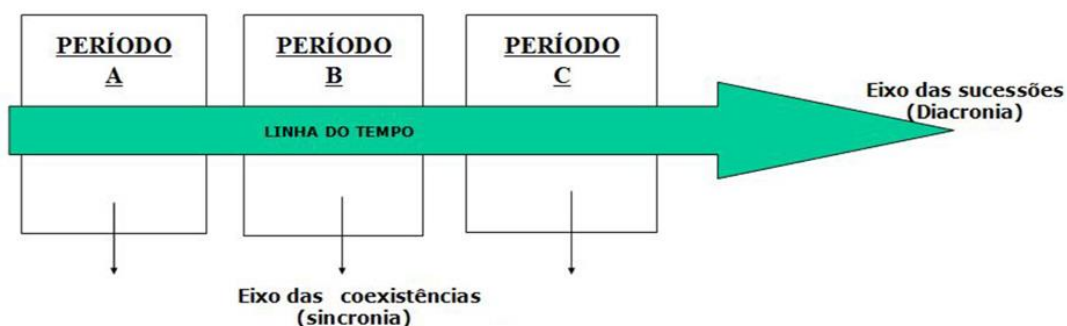
Questionamentos surgem a partir da tentativa de compreender quais estabelecimentos fizeram parte dessa Avenida planejada, para 1906 e se o padrão encontrado manteve-se 1926. Marco da proposta do poder público de transformar,

novamente, esse trecho da localidade central da cidade com o *Plano Agache* (1926-1930).

O *Plano Agache* (1926-1930), capitaneado por Donat-Alfred Agache (1875-1959), diferentemente do *Plano de Pereira Passos*, buscava adequar a então capital federal aos novos parâmetros de construção e modelamento de uma cidade industrial, considerando grandes sistemas infraestruturais urbanos, como água, esgoto, transportes e a expansão de zonas subnormais de habitação (favelas) por diferentes áreas da cidade. Construções em *art déco*, com grande volume, monótonas do chão ao último pavimento, ornamentavam com traços modernos a cidade que se pintou, anos atrás, pelas curvas e o bom gosto do ecletismo francês.

## 2 Metodologia

Metodologicamente, realizou-se um mapeamento conjectural dos estabelecimentos, seus setores ou segmentos da economia e respectivas localizações na Avenida Rio Branco, por intermédio do *software* Inkscape. Utilizou-se, assim, o *Almanak Laemmert* para esse fim, cujo acesso se deu por meio da Hemeroteca Digital<sup>2</sup> da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), com seus mecanismos eletrônicos de busca. Esse processo foi desenvolvido em três etapas principais: de organização (tabulação dos dados primários), de setorização (de acordo com os setores da economia) e de comparação, considerando os anos que o estudo compreende.



Fonte: Silva (2012, p. 6).

**Figura 2** – Periodização temporal segundo sincronias e diacronias

<sup>2</sup> Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 11 dez. 2018.

O trabalho segue por uma análise sincro-diacrônica que consiste na intersecção do eixo das sucessões (diacronia) com o eixo das coexistências, as sincronias: 1906, inauguração da Avenida no contexto do *Plano Pereira Passos*, e 1926, início da execução do *Plano de Reformas Urbanísticas* de Alfred Agache, conforme ilustra o esquema da figura 2. Essa é uma das muitas maneiras de trabalhar com o tempo na Geografia que demonstram a recriação dos “presentes de então” (ABREU, 2000), isto é, de presentes históricos, preconizando os diferentes contextos e quadros políticos, econômicos, sociais, culturais e simbólicos deflagrados. Ainda, segundo Estaville Jr. (1991 apud ALVES, 2011, p. 34), tais sessões transversais sucessivas (as coexistências) possibilitam análises “das mudanças de um instante a outro”, como sua maior vantagem, e a “restrição do entendimento do processo em caso de um número reduzido de recortes”, como sua maior desvantagem.

Nomenclaturas, endereços, proprietários e, o mais importante para a ciência geográfica, localização, considerando o número e algumas referências espaciais (esquinas, praças etc.), foram os principais dados disponibilizados pelo *Almanak Laemmert* para que se pudesse pensar no agrupamento das atividades econômicas na Avenida Rio Branco do passado. Esse processo foi realizado a partir da plotagem dos estabelecimentos pesquisados num croqui desenhado sobre uma base cartográfica do início do século XX, no *software* Inkscape, possibilitando análises posteriores das mudanças e permanências ao longo do espaço-tempo.

Considera-se, ainda, o processo de sistematização e generalização das atividades econômicas segundo grupos afins com base na Classificação Nacional de Atividades Econômicas (Cnae) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). As atividades econômicas foram organizadas em códigos (letras do alfabeto) para que cada estabelecimento estivesse, dessa maneira, contido em determinado grupo – podendo também fazer parte da categoria “não identificado” ou de um grupamento denominado “outras atividades de serviços”, por exemplo.

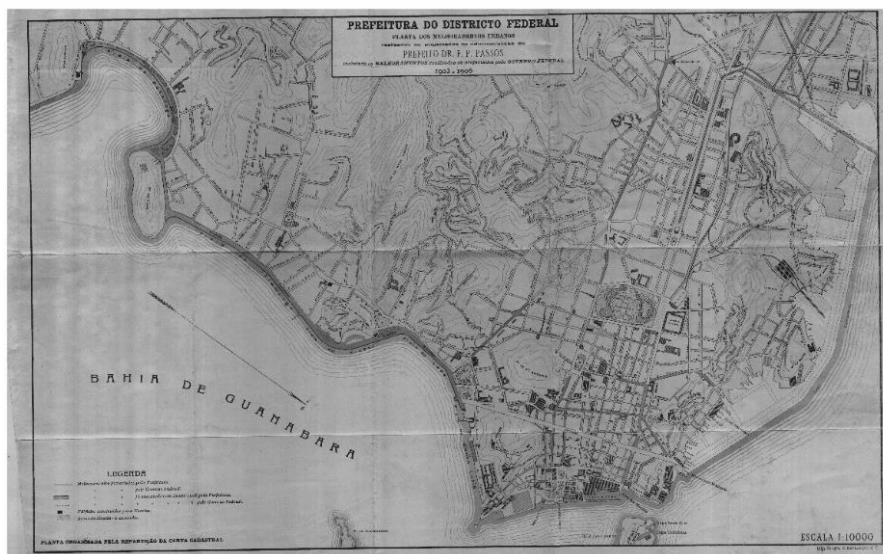
<b>A</b>	Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca	<b>N</b>	Atividades administrativas e serviços complementares
<b>B</b>	Indústrias extrativas	<b>O</b>	Administração pública, defesa e seguridade social
<b>C</b>	Indústrias de transformação	<b>P</b>	Educação
<b>D</b>	Eletricidade e gás	<b>Q</b>	Saúde humana e serviços sociais

<b>E</b>	Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos	<b>R</b>	Artes, cultura, esporte, recreação e religião
<b>F</b>	Construção	<b>S</b>	Outras atividades de serviços
<b>G</b>	Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	<b>S1</b>	Modas e alfaiates
<b>H</b>	Transporte, armazenagem e correio	<b>T</b>	Serviços domésticos
<b>I</b>	Alojamento e alimentação	<b>U</b>	Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais
<b>J</b>	Informação e comunicação	<b>V</b>	Representações
<b>K</b>	Atividades financeiras de seguros e serviços relacionados	<b>W</b>	Associações e clubes
<b>L</b>	Atividades imobiliárias	<b>NI</b>	Não identificado
<b>M</b>	Atividades profissionais, científicas e técnicas		

Fonte: Adaptado da Cnae (IBGE).

#### **Quadro 1** – Codificação das atividades econômicas

Durante o trabalho de pesquisa em gabinete na Fundação Biblioteca Nacional, na cidade do Rio de Janeiro, foram encontradas 1.103 ocorrências com os termos “Avenida Central” e “Avenida Rio Branco” (assim nomeada a partir de 15 de fevereiro de 1912 até os dias atuais, em homenagem ao diplomata Barão do Rio Branco), em diversos anúncios de estabelecimentos contidos no *Almanak Laemmert* nos anos 1906 e 1926. O quadro 1 mostra a estrutura básica de sistematização dos dados segundo a codificação supracitada.



Fonte: Laboratório de Cartografia da UFRJ (GeoCart).

**Figura 3** – Mapa da *Cidade Mui Heroica* do Rio de Janeiro à época da gestão do prefeito Pereira Passos (1902-1906)

Após o processo de sistematização e codificação dos dados, deu-se partida ao processo de mapeamento para a produção do desenho estrutural da via com as quadras, a partir da numeração atual da Avenida Rio Branco (RJ), estabelecendo, dessa forma, uma aproximação com a organização espacial da época. Foi feito um trabalho de campo para registro das quadras e, posteriormente, o mapeamento foi realizado em gabinete e no *software* Inkscape, com mapas-base do Rio Antigo (como o da figura 3), gentilmente cedidos pelo Laboratório de Cartografia da UFRJ (GeoCart).

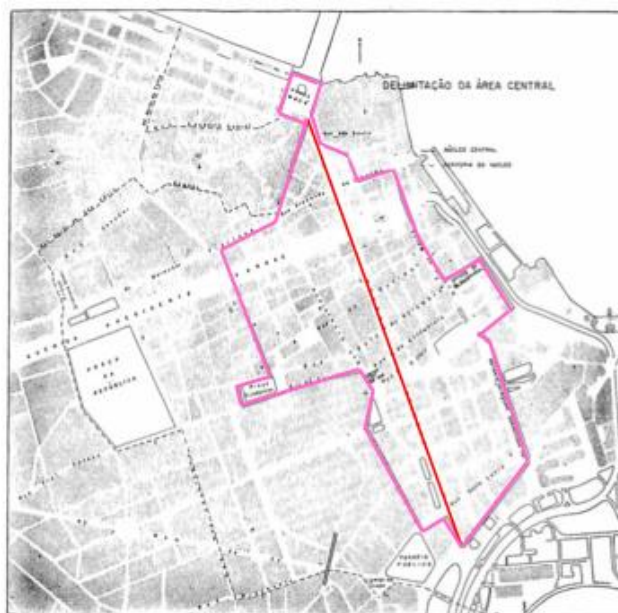
### 3 Fundamentação teórica

A Avenida Rio Branco contou com a primeira pavimentação asfáltica do país, onde foram posicionados geometricamente, ao centro e na primeira faixa (junto ao asfalto) dos passeios laterais adjacentes aos estabelecimentos, candelabros que iluminavam as trevas cariocas ao cair da noite. Uma passarela esverdeada (*unboulevard charmant!*) dos “bons costumes”, com chapéus, ternos e gravatas, vestidos e sombrinhas afrancesados, fazia-se central com suas diferenciais centralidades, que podem ser entendidas como

[...] aquilo que se expressa a partir de um centro (compreendido como um ponto de convergência/divergência, nó do sistema de circulação), como a sua capacidade de concentrar e atrair atividades e pessoas e, portanto, polarizar uma determinada área, organizando os fluxos que a percorrem. De modo que “descobrimos o essencial do fenômeno urbano na CENTRALIDADE. Mas na centralidade considerada com

*o movimento dialético que a constrói e a destrói, que a cria ou a estilhaça. [...] (LEFÈBVRE, 2002 – Grifos do autor).*

Entendendo que a temática e a problemática das centralidades (intra) urbanas são basilares para o desenvolvimento deste trabalho, é importante destacar que a Avenida Rio Branco se localiza na área central da cidade do Rio de Janeiro. Esta, por sua vez, pode ser compreendida como “expressão do centro moderno da grande cidade capitalista”, modelo de organização interna das cidades surgido no conjunto de transformações socioespaciais provocadas pelas Revoluções Industriais. Mais precisamente, a Avenida Rio Branco, com seus edifícios modernistas e contemporâneas *towers*, comanda o chamado *Central Business District (CBD*, ou Distrito Central de Negócios) da metrópole, que é a porção da área central que gere o território em diferentes escalas, do ponto de vista político, cultural e, principalmente, econômico (CORRÊA, 1989), em razão, sobretudo, da alta densidade (*cluster*, aglomerado) de sedes de conglomerados empresariais, conforme ilustra a figura 4.



Fonte: Adaptado de Duarte (1967, p. 39).

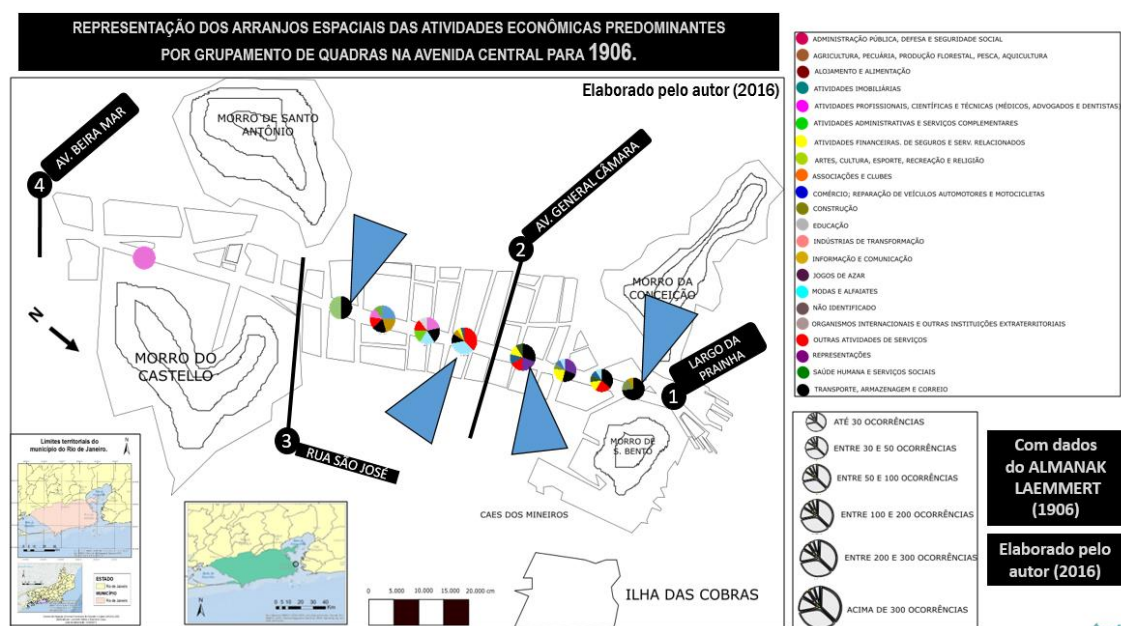
**Figura 4** – Delimitação do Núcleo Central de Negócios da cidade do Rio de Janeiro, em rosa (DUARTE, 1967), localizado na Área Central do Rio de Janeiro, com destaque também para a Avenida Rio Branco (em vermelho): a principal artéria carioca, posicionada ao centro do coração econômico carioca

O coração econômico da área central é a localização mais procurada para instalação de escritórios, firmas comerciais, dentre outros, em razão da atração exercida pelos negócios.



#### 4 Apresentação e análise dos dados

Para o ano de 1906, os resultados apontam para uma predominância de estabelecimentos relativos a outras atividades de serviços (S), modas e alfaiatarias (S1) e transporte, armazenagem e correio (H). Já para 1926, pode-se considerar o predomínio de atividades profissionais, científicas e técnicas (médicos, dentistas e advogados) (M), seguidas por outras atividades de serviços (S), transporte, armazenagem e correio (H) e atividades financeiras de seguros e serviços relacionados (K).



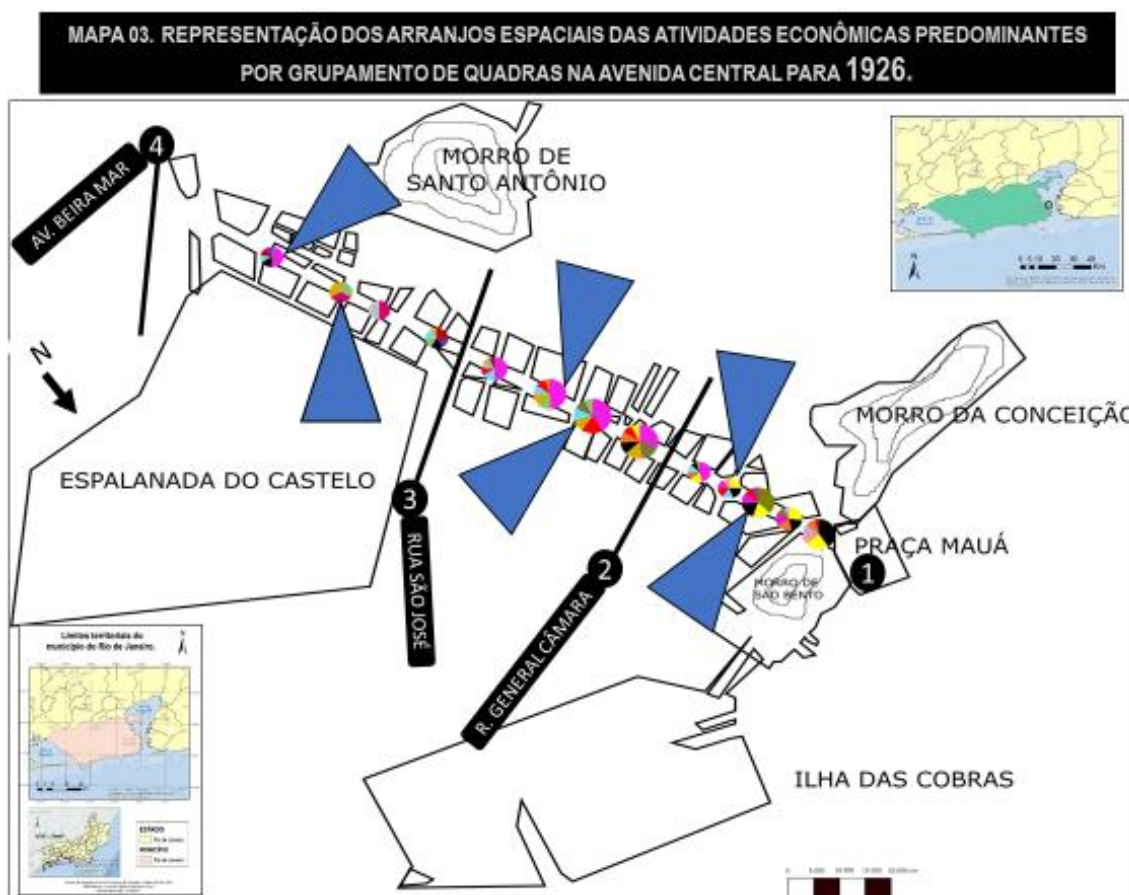
Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do *Almanak Laemmert* (1906 e 1926), Fundação Biblioteca Nacional

**Figura 5** – Os arranjos espaciais das atividades econômicas predominantes por grupamento de quadras na Avenida Central (RJ), 1906

Do ponto de vista do zoneamento dessas atividades e por uma questão metodológica e de disponibilidade de dados, foi realizado o grupamento de quatro em quatro quadras, sendo duas de cada lado da avenida. Pode-se considerar que, para o ano de 1906 (figura 5) e 1926 (figura 6), eram predominantes as atividades de transporte, armazenagem e correio para a zona 1 (entre o Largo da Prainha e a Avenida General Câmara) e as de modas e alfaiates, armazenagem e correio para a zona 2 (arredores do Largo da Carioca). Já para 1926, destacam-se, novamente, para a zona 1, as atividades de transporte, armazenagem e correio, além das atividades financeiras, de seguro e serviços relacionados da famosa e importante Equitativa dos Estados Unidos do Brasil, Hasenclever & C e da empresa The Rio de Janeiro Tramway Light and Power Ltd C,

por exemplo – esta última, a nossa conhecida *Light* (concessionária de energia elétrica do município do Rio e Baixada Fluminense) dos dias atuais.

Ainda em 1926, para a zona 2 (arredores do Largo da Carioca), destacam-se as atividades de informação e comunicação – a sede do lendário Jornal *O Paiz* ficava nesse trecho da Avenida –, bem como a grande concentração de escritórios de médicos, advogados e dentistas (atividades profissionais, científicas e técnicas). Na zona 3<sup>3</sup> (arredores da Cinelândia), predominavam as atividades de dentistas, médicos e advogados, além daquelas relacionadas à administração pública, defesa e seguridade social, considerando também as culturais e de lazer. O Palácio Monroe, que fora a sede do Senado Federal, localizava-se nesse trecho da Avenida Rio Branco, onde hoje é a Praça Mahatma Gandhi, além do Supremo Tribunal Federal (atual Centro Cultural da Justiça Federal), do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e da Fundação Biblioteca Nacional.



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do *Almanak Laemmert* (1906 e 1926), Fundação Biblioteca Nacional

<sup>3</sup> A zona 3 (arredores da Cinelândia) não foi considerada para 1906 pela ausência de dados no *Almanak Laemmert*.

**Figura 6** – Os arranjos espaciais das atividades econômicas predominantes por grupamento de quadras na Avenida Central (RJ), 1926

Dessa forma, verificou-se uma manutenção temporal (em 1906 e 1926) das atividades realizadas nos limites da zona 1 da Avenida Rio Branco, diferentemente do que se observa na zona 2, que apresentou mudanças de centralidade. No que tange à zona 3, ou Cinelândia, há uma transformação considerável no âmbito do que Carlos (2007) chama de centralidades móveis, sob o ponto de vista da congregação de atividades culturais, político-administrativas e econômicas, como de profissionais liberais, restaurantes, serviços de transporte e construção. Há, portanto, nesse caso, uma mistura de serviços e ramos de atividades; há, ainda, essa mistura no limite fluido com a zona 2, nos arredores da Carioca, que é influenciada e influencia a zona 3 – o que não foi detectado em nenhuma das outras zonas e em nenhum dos anos pesquisados até o momento.

## 5 Considerações finais

A partir dos dados coletados por meio da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional do Brasil, no *Almanak Laemmert*, foi possível desenvolver um trabalho geográfico, com a produção do mapeamento resultante dos dados históricos dispostos no periódico e, posteriormente, organizados e sistematizados conforme os objetivos e caminhos da pesquisa.

Confere-se, com isso, uma importância à utilização de periódicos digitais para a investigação e reconstrução cartográfica conjectural de presentes de então, isto é, de espaços-tempo do passado que revelam a memória da cidade e ritmos socioespaciais. Neste trabalho, verificou-se que a Avenida Rio Branco (RJ) teve o conjunto de seus estabelecimentos mantido (e aumentado quantitativamente) do ponto de vista das atividades desempenhadas e, também, da verticalização material, entre os anos 1906 e 1926.

Ainda, segundo Duarte (1967), a concentração dos serviços de comunicações e a ausência da função residencial são outras características que podem ser consideradas para a Área Central do Rio de Janeiro, que tem como destaque a Avenida Rio Branco. Para o autor, existem centenas de escritórios comerciais que demonstram essa função de direção, além da mais acentuada verticalização da cidade. Sendo assim, a Avenida Rio Branco (RJ) é

[...] a principal artéria do centro da cidade, atravessando diversos setores funcionais como o do comércio atacadista e varejista, o setor

Leonardo Mattos da Costa

financeiro, administrativo e a principal área recreativa. Sua importância advém de sua posição e função. Durante muitos anos foi passagem obrigatória da maior parte dos veículos que se dirigiam da zona Norte para a Sul, como também era ponto final de linhas de ônibus e mesmo de bondes, quando esse tipo de transporte tinha na Galeria Cruzeiro, onde hoje está o prédio “Avenida Central”, a terminal das linhas que serviam à Zona Sul. (DUARTE, 1967, p. 29).

A localização geográfica estratégica da Avenida (conectando a zona portuária, o centro de negócios e a zona sul da cidade), confere-lhe acessibilidade e visibilidade e fez com que algumas atividades fossem atraídas e outras fossem fortalecidas por meio da instalação de empresas locais, nacionais e internacionais no logradouro. Estabeleceu-se, dessa forma, um jogo de escalas e centralidades constituídas por fluxos de mercadorias, bens e serviços nesses circuitos (locais, nacionais, internacionais) através da antiga Central Avenida.

### **Agradecimentos**

Dirijo-me, com sinceros agradecimentos, às instituições de memória que tornaram este trabalho possível: a Fundação Biblioteca Nacional, o Arquivo Nacional do Brasil e o Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro.. Além disso, foi fundamental o apoio financeiro do Programa de Educação Tutorial do Ministério da Educação por meio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Agradeço, também, ao PET do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, do qual faço parte, ao Laboratório de Cartografia da UFRJ, ao professor William Ribeiro da Silva, ao professor Rafael Winter Ribeiro, à aluna de pós-doutorado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRJ Eliane Melara, ao doutorando Bruno Pereira do Nascimento (PPGG-UFRJ) e aos demais colegas universitários e familiares pelo apoio durante os três anos de realização da pesquisa.

### **Referências**

ABREU, Mauricio de Almeida. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos, 2013.

ABREU, Maurício de Almeida. Construindo uma geografia do passado: Rio de Janeiro, cidade portuária, século XVII. **GEOUSP: Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 7, p. 13-25, jun. 2000.

Memória e Informação, v. 2, n. 2, p. 91-104, jul./dez. 2018

ABREU, Mauricio de Almeida. Sobre a memória das cidades. **Revista Território**, Rio de Janeiro: a. 3, n. 4, jan./jun. 1998.

ABREU, Mauricio de Almeida. Pensando a cidade no Brasil do Passado. In: CASTRO, I. E.; CORRÊA, R. L.; GOMES, P. C. C. (org.). **Brasil: Questões atuais da reorganização do território**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. p. 145-184.

ALVES, Vitor de Araujo. **O comércio atacadista carioca (1855 – 1900)**. 2011, 200f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Divisão de Documentação Escrita. **Comissão Construtora da Avenida Central**: inventário. Rio de Janeiro, 1983. 262 p. Contém índice de assunto e índice onomástico (p. 165; 205). Não impressos, 1903-1908.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce ; MAYOL, Pierre. **A invenção do Cotidiano: morar e cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1996.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Formas Simbólicas e Espaço**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://sites.google.com/site/robertolobatoocorreia/Outros-Trabalhos>. Acesso em: 18 dez. 2015. Pesquisa financiada pelo CNPq. Processo nº 301.185/2007-7. Departamento de Geografia da UFRJ.

DUARTE, Aluizio Capdeville. **A Área Central do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IBGE, 1967.

FERREZ, Marc. **O Álbum da Avenida Central**. Brasília: Fundação Biblioteca Nacional, 1906.

FBN. FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Almanak Laemmert**, Rio de Janeiro, edições de 1906 e 1926. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 15 jun. 2015.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Classificação Nacional de Atividades Econômicas (Cnae)**. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/classificacoes/cnae1.0\\_2ed/cnae10v2.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/classificacoes/cnae1.0_2ed/cnae10v2.pdf). Acesso em: 7 nov. 2015.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. p. 366-411. (Coleção Repertórios).

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

SANTOS, Milton. **O Espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

SANTOS, Milton. O Tempo nas Cidades. **Cienc. Cult.** [online], [S. l.], v. 54, n. 2, p. 21-22, 2002. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v54n2/14803.pdf>. Acesso em: 9 fev. 2016.

SILVA, Marcelo Werner. A Geografia e o estudo do passado. **Terra Brasilis (Online)**: Nova Série, v. 1, 5 nov. 2012. Disponível em: <http://terra-brasilis.revues.org/246>. Acesso em: 27 jul. 2015.

SILVA, William Ribeiro da. **Para além das cidades**: centralidade e estruturação urbana: Londrina e Maringá. 2006. 280 f. Tese (Doutorado em Ciências e Tecnologia) – Universidade Estadual Paulista, 2006.

VILLAÇA, Flávio. Uma contribuição para o planejamento urbano no Brasil. In: DEÁK, Csaba; SCHIFFER, Sueli R. (org.). **O processo de urbanização no Brasil**. São Paulo: Fupam; Edus, 1999. p. 169-243.